



IMAGINÁRIO DA MORTE NA BARQUINHA: UMA RELIGIÃO AMAZÔNICA NA ÓPTICA DO ENVOLVIMENTO¹

DEATH CONCEPTS IN *BARQUINHA*: AN AMAZON RELIGION AS SEEN BY INVOLVEMENT

Vanessa P. Paskoali²

RESUMO: A morte é um dos fenômenos que mais tem suscitado o incremento e o fortalecimento do imaginário humano. De um modo geral, a idéia da morte nos remete aos sentimentos de perda, de vazio, de solidão, que despertam atitudes como o medo e a não aceitação. Mas como não aceitar algo eminente? A consciência da morte como algo inevitável pode desnortear o próprio sentido da vida. Assim, uma das principais funções da imaginação simbólica está em elaborar outra dinâmica, eufemizando e reelaborando novas concepções para a morte e para o existir, como numa reação que restabelece o equilíbrio vital. No exercício de criar novas formulações para a morte, distintas sociedades, culturas ou grupos reorganizam seus repertórios simbólicos. Neste trabalho, vamos verificar como a morte tem sido imaginada, interpretada e vivida pelos membros da Barquinha, uma das igrejas de Rio Branco (AC) onde se utiliza a Ayahuasca nos rituais religiosos, permitindo a seus membros restabelecer a conexão com seu interior e o envolvimento com a essência primordial da natureza.

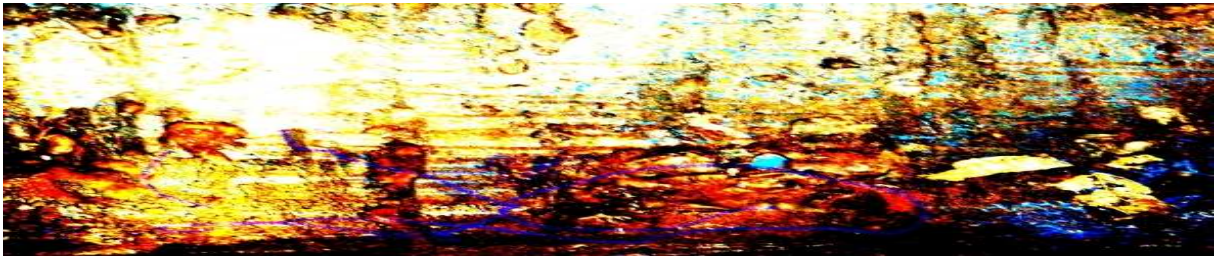
Palavras-Chave: Morte; Imaginário; Ayahuasca.

Résumé : La mort est un des phénomènes qui a plus suscité l'accroissement et le fortifiement de l'imaginaire humain. En général, l'idée de la mort nous renvoie aux sentiments de perte, de vide, de solitude qui déclenchent des attitudes de peur et de pas acceptation. Mais, comme ne pas accepter quelque chose imminente ? La conscience de la mort comme quelque chose inévitable peut changer le sens lui-même de la vie. Ainsi, une des principaux fonctions de l' imagination symbolique est en élaborer une autre dynamique, en euphémisant et en rélaborant denouvelles conceptions pour la mort et pour l'exister, comme dans une réaction qui rétablit l'équilibre vital. Avec la fonction de créer de nouvelles versions pour la mort de différentes sociétés, cultures ou de différents groupes reordonnent leurs répertoires symboliques. Dans ce travail nous allons vérifier comme la mort a été imaginée, interprétée et vécue pour les membres de la Barquinha, une des églises de Rio Branco (AC) où l'on utilise la "Ayahuasca" dans les rituels religieux en permettant à leurs membres de rétablir la connexion avec leur intérieur et l'enveloppement avec l'essence primordial de la nature.

Des mots principaux : Mort ; Imaginaire ; Ayahuasca.

¹ Trabalho apresentado no XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário. Imaginário do Envolvimento-Desenvolvimento, Fórum XVII – Religiao, Imaginário e (Des) Envolvimento, em outubro de 2008

² Mestre em Antropologia, pela PUC-SP, professora assistente da UNINORTE – AC.



1. Universo simbólico da Barquinha

Convido-os a embarcar numa viagem pelas águas do imaginário até chegar à Região Amazônica de nosso país, onde as águas reais são abundantes e outrora seu único meio de acesso viável, mais especificamente, no espaço de uma religião conhecida como **Barquinha**.

A Amazônia Ocidental constitui-se num espaço de muita diversidade ainda possuidor de mistérios e riquezas, despertando em torno de si os mais distintos interesses. Meu interesse, neste caso, refere-se à rica religiosidade que se originou neste contexto e agora alcança também outros continentes. Trata-se de uma expressão religiosa de caráter sincrético, que agrega elementos do animismo religioso indígena, do catolicismo popular, do espiritismo Kardecista, dos cultos afro-brasileiros e correntes místico-filosóficas.

Na junção destes elementos e em situação específica se origina a religião do **Santo Daime**. Santo Daime também é o nome como comumente ficou conhecida a Ayahuasca³, bebida utilizada em inúmeros rituais distribuídos por toda Amazônia Ocidental entre um grande número de povos indígenas, curandeiros vegetalistas e nos cultos sincrético-urbanos, nos quais, podemos constatar, gravita toda uma “constelação simbólica” em torno deste elemento central.

O uso de substâncias dessa natureza como recurso para conectar-se ao “sobrenatural” é uma prática comum tanto no Oriente quanto no Ocidente, desde a pré-história até o presente e vem expandindo suas fronteiras para além das populações “ditas” tradicionais.

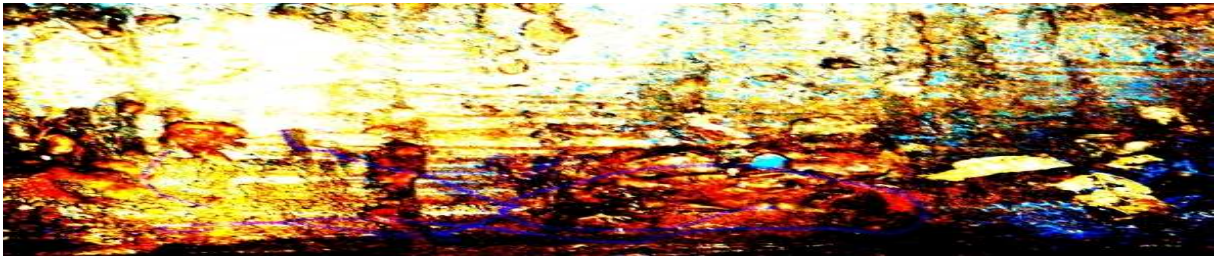
O fato de estas plantas serem utilizadas há milênios demonstram a sua relevância na vida religiosa e cotidiana das culturas ou sociedades antigas e também de diversos grupos na atualidade, que têm conservado suas tradições, tratando tais substâncias com caráter mágico ou sagrado⁴.

A relação estabelecida entre homens e plantas – que denomino de plantas de poder⁵ – possibilita a vivência de experiências místicas. São plantas que produzem determinadas substâncias e que podem influenciar nas profundidades da mente e do espírito humano, especialmente quando se passa a utilizá-las como instrumento para vislumbrar um mundo além

³ A Ayahuasca ou Santo Daime também pode ser identificada por uma série de outros nomes ou expressões, tais como: Daime, Mariri, Yagé, Hoasca, Kamarampi, Nixi Pae, Caapi, Vegetal, “licor dos deuses” ou o “vinho das Almas”. (PASKOALI, 1998, p. 88).

⁴ Durante muito tempo a prática terapêutica de caboclos e de curandeiros fez parte das representações dos habitantes da floresta.

⁵ Estas plantas têm recebido uma nomenclatura variada por diferentes estudiosos, em que os termos utilizados com maior frequência são: alucinógenas, enteógenos, psicomiméticos, phantástica, eidéticos, psicógenos, psicodislépticos, psicodélicos, psicoativos, entre outros.



da realidade, “*más allá*”⁶, mas que se manifesta na vida das pessoas e, em certa medida, os orienta. Nesta relação, destacamos a possibilidade de libertação dos limites prosaicos do mundo material, da existência mundana, permitindo ao homem a comunicação com o mundo espiritual⁷.

Essas são plantas que têm a capacidade de elevar ou ampliar o estado da consciência dos indivíduos. Plantas, cujo interesse, tem aumentado vertiginosamente nas últimas quatro ou cinco décadas, devido ao seu uso e seu possível valor na e para a sociedade moderna, industrial e urbanizada.

As plantas com poder enteógeno devem seus efeitos a um número limitado de substâncias químicas que atuam de modo específico em partes definidas do sistema nervoso central⁸. O estado de ampliação de consciência normalmente não dura muito tempo: desaparece quando os princípios que os causam são metabolizados e excretados pelo corpo. Nos rituais religiosos estas substâncias são ingeridas, na maioria das vezes, em dosagens terapêuticas. Fora dos rituais elas raramente são consumidas, mas é claro que existe uma variação de grupo para grupo e também quanto ao tipo de substância.

As populações indígenas sempre consideraram essas plantas como um presente dos deuses. Para os homens e mulheres da floresta, o auxílio destas plantas na aplicação direta aos problemas de suas vidas é considerado, ainda hoje, indispensável.

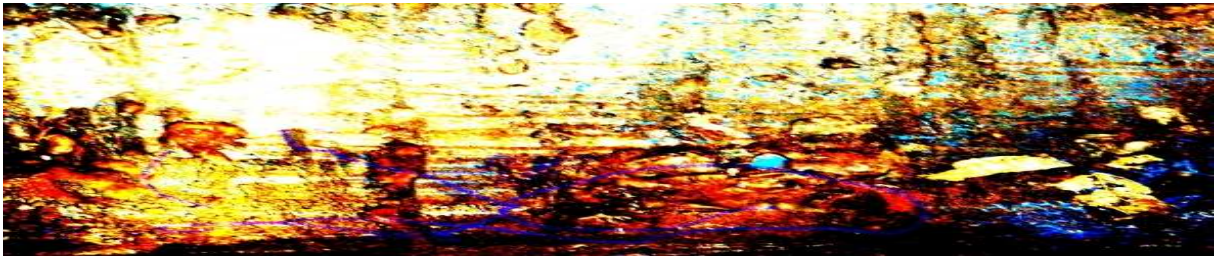
No estado do Acre evidenciamos o freqüente uso ritual de inúmeras plantas com caráter místico-religioso e medicinal. No que se refere aos cultos urbanos, registramos a existência de três linhas religiosas que têm como um de seus elementos centrais a Ayahuasca⁹. São elas: (1) **a Linha do Santo Daime** (precursora, elaborada pelo Mestre Irineu, a partir da década de 1930);

⁶ Expressão utilizada por CIPOLLETTI & LANGDON em *La muerte y El más Allá em las culturas indígenas latinoamericanas*. Equador, Abya-Yala, 1992.

⁷ Percebemos estas plantas como portadoras de substâncias químicas que, quando absorvidas pelo organismo do homem em doses não tóxicas, produzem mudanças na percepção, no pensamento e no estado de ânimo (acalmado ou estimulando), provocando mudanças profundas na esfera da experiência e na percepção da realidade, incluindo espaço e tempo.

⁸ Na composição da Ayahuasca normalmente é utilizado um tipo de cipó denominado de *Banisteriopsis caapi* (Jagube), embora em algumas referências botânicas conste outra variedade que seria o *Banisteriopsis inebrians*. Somando aos efeitos do cipó são acrescentadas as folhas de um arbusto *Psychotria viridis*, também conhecidas como Folha Rainha ou Chacrona. Com relação a este componente pode também haver algumas variações, dependendo da distribuição espacial e dos costumes, ou seja, do contexto onde diferentes grupos fazem uso desta bebida. Segundo Schultes e Hofmann (1982, p. 127) a *harmina* é o principal alcalóide encontrado nas plantas utilizadas na composição da Ayahuasca e os alcalóides secundários são *harmalina*, *tetrahidroharmina* e *dimetiltryptamina*, que atua diretamente no sistema nervoso central, produzindo efeitos que alteram a consciência e provocam as visões.

⁹ Utilizamos o termo “urbano” pelo fato de que hoje, em função do crescimento ou alargamento da cidade (Rio Branco) os Centros e Igrejas desta religiosidade estão aí localizados. Mas isso não significa que a intenção destas linhas seja contrária à realização de uma forma de vida cada vez mais próxima à natureza, à floresta. Caracteriza-se neste sentido, na perspectiva do envolvimento.



(2) a **Linha da Barquinha** (derivada da primeira, organizada pelo Mestre Daniel em 1945); e (3) a **Linha da União do Vegetal**, a UDV (fundada em 1960, pelo Mestre Gabriel).

Cada uma destas linhas constituirá, no decorrer de suas histórias, diversas dissidências, culminando com um número significativo de Centros e Igrejas, localizados em Rio Branco e em outros municípios, mas também em outras unidades da federação e outros países.

O mestre Daniel, fundador da Barquinha, assim como mestre Irineu, são conterrâneos vindos do Maranhão e chegam ao Acre por via fluvial, já que naquela época (anos 20) era quase impossível ingressar nesta região de outro modo. As águas e os barcos possuem, portanto, forte representação simbólica para os habitantes do Acre.

Ambos possuem em comum nas suas biografias o fato de terem ingerido a Ayahuasca na intenção de obter cura de alguma doença e aliviar os sofrimentos por que passavam e de terem recebido uma visão reveladora que os orientou a organizar as religiões que ora apresentamos.

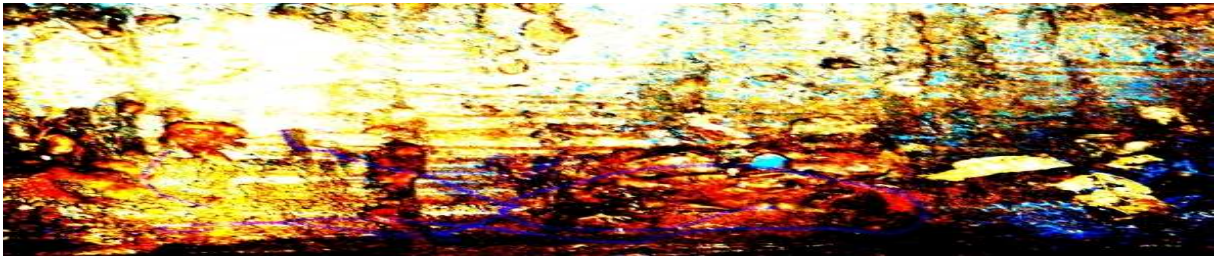
Na Barquinha, um ambiente simples, mas acolhedor recepciona aos que lá recorrem em busca de auxílio. Seguidas algumas recomendações, todos são bem vindos para uma travessia rumo ao imaginário, no intuito de encontrar respostas a questões relativas à existência individual, às dificuldades sociais, enfim, buscar um destino para suas vidas. O Daime é bilhete de entrada neste universo, pois atua de maneira a contagiar o profano, reforçando sua transformação em sagrado.

A Barquinha representa, para os membros da comunidade, a Arca de Noé, que conduzirá aos “marinheiros do mar sagrado” (como os integrantes se autodenominam) numa grande viagem, com provas, tempestades, sofrimentos, até alcançarem um plano mais elevado, onde encontrarão a luz e a salvação. Escatologicamente acreditam que o mundo chegará a um fim, e aqueles que estiverem na “Barca” serão salvos, pois estão recebendo as instruções da “luz” de como devem agir para alcançar a salvação.¹⁰

Existe uma conexão vital entre os membros, o mestre e a Igreja. O grupo que participa dos cultos vivencia as experiências sagradas não só no momento do culto. Estar na Igreja não é para eles um ato de representação, pois sua vida cotidiana expressa a realidade de pessoas que vivem no mito.

Os ensinamentos da doutrina orientam os passos e ações dessas pessoas. Sua transmissão ocorre através das mensagens advindas dos hinos e das mirações individuais. Como é o mestre

¹⁰ PASKOALI, Vanessa Paula. *A cura enquanto processo identitário na Barquinha: o sagrado no cotidiano*. São Paulo, 2002, p. 66.



quem recebe os hinos, ele representa o mediador entre os domínios humanos e extra-humanos e, portanto, orienta o grupo. Juntos formam a Igreja.

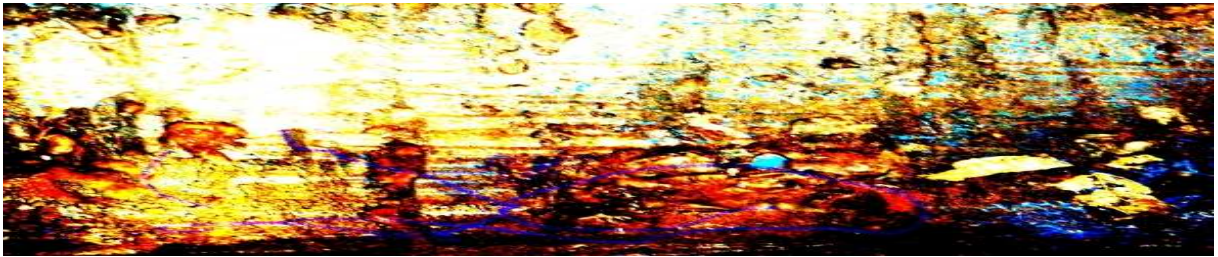
Os membros da Barquinha demonstram dedicação praticamente integral aos rituais, que acontecem todas as quartas e sábados, além dos dias dedicados às festividades com bailado nos terreiros, romarias ou ao feitiço do Daime, enfim um calendário bastante amplo do qual, acreditam participar além dos integrantes, os visitantes espirituais.

A experiência com o Daime leva a um confronto pessoal interno, no qual o indivíduo passa por um processo de purificação, de “limpeza” para encontrar o equilíbrio e a harmonia necessários ao seu bem estar.

Quando os efeitos físicos da bebida começam a surgir – de 20 a 30 minutos após a ingestão – a pessoa entra em estado de letargia, modifica a respiração, tornando-a mais profunda, os movimentos ficam lentos e a pessoa já não consegue posicionar-se de qualquer modo, a coluna precisa ficar ereta e centrada com a cabeça, as pernas e os braços não devem ficar cruzados. Em contrapartida os órgãos dos sentidos – principalmente visão, audição – ficam completamente aguçados e fica ampliada a consciência. A percepção do ao redor se altera, assim como a percepção de si, enquanto indivíduo inserido no contexto. Todas as ilusões, todas as seduções que impediam o homem de ver e reconhecer suas forças, suas fraquezas ou faltas desaparecerão a partir deste encontro interior, que fornece a orientação para reordenar a conduta, colocando-a em sintonia com os ensinamentos da doutrina. A partir deste momento, o efeito consiste numa **visão** que descobre a causa da doença, da fragilidade humana, ou seja, o lugar do arrebatamento das forças vitais.

Embora esses estados “expandidos” possam ocorrer espontaneamente, ou possam se provocados através de hipnose ou de bombeamento sensorio, são, com frequência, experimentalmente causados pelo uso de drogas e plantas (mente-manifestada). Tipicamente, estes estados desenvolvem-se em quatro diferentes níveis: sensorio, evocativo-analítico, simbólico e integral. No nível sensorio, há relatos subjetivos de alterações do espaço, do tempo, da imagem do corpo e das impressões sensorias. No nível evocativo-analítico, surgem idéias e pensamentos novos acerca das psicodinâmicas do indivíduo ou acerca da concepção do mundo e de seu papel nele. No nível simbólico, há uma identificação com personalidades históricas ou lendárias, com recapitulação evolucionária ou com símbolos míticos. No nível integral, há uma experiência religiosa e/ou mística, na qual Deus (ou a “Base do Ser”) é confrontado ou na qual o indivíduo tem a impressão subjetiva de dissolver-se no campo energético do universo¹¹.

¹¹ KRIPPNER, Stanley. *Estados alterados de consciência*. In: WHITE, John (org.). *O mais elevado estado da consciência*. São Paulo: Cutrix/ Pensamento, 1997, p. 24.



Os integrantes da Barquinha atingem esses níveis de expansão, alterando sua cosmovisão e a idéia do papel que devem desempenhar. As experiências vivenciadas durante os rituais marcam tão significativamente as vidas dos indivíduos, que é geralmente a partir destas que decorre a decisão por tornar-se um membro oficial.

Este aprendizado ocorre mais especificamente no instante da **miração**, experiência proporcionada pela Ayahuasca e que conduz ao êxtase, à transcendência. Acreditam que nesse momento, ao se completar a conexão com o sagrado, os seres divinos transmitem a sabedoria, revelam os ensinamentos da doutrina e os mistérios da vida.

2. Imaginário da Morte na Barquinha

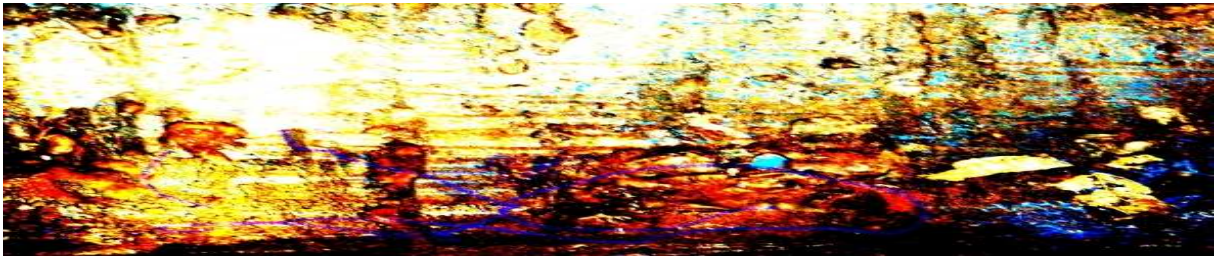
Na partitura simbólica e ritualística da Barquinha, a concepção de morte exerce um papel importante. Desde há muito, a morte é entendida como uma ameaça ao homem, à sua existência. Esta prerrogativa não é própria apenas aos membros da Barquinha, que sofrem diante de tal inquietação. Na verdade, a maior ameaça sentida em relação à morte parece ser a ausência de uma explicação segura para tal fim, instaurando um sentimento de incerteza, de caos, de desequilíbrio associado à idéia da morte.

Esta preocupação não é um fato novo, já que a morte é um dos fenômenos mais constantes já evidenciados. Ela atinge a todos, indiscriminadamente, isso é certo. Por mais que se empenhem esforços no sentido de superá-la, a morte continua eminente a todo ser vivente. Para Morin¹² a consciência deste fato causa aos seres humanos um trauma, que se manifesta correlativamente pela angústia da morte e pela busca de uma promessa da imortalidade.

Motivados pelos questionamentos humanos diante da morte, tanto a religião, quanto a ciência e a filosofia buscaram-lhe soluções, elaborando complexos teóricos e doutrinários com a finalidade de acomodar a ansiedade relativa à morte.

Arthur Schopenhauer afirma que “a morte é propriamente o gênio inspirador, ou a musa da filosofia”. Embora plantas, animais, enfim todo ser vivente esteja destinado à morte, apenas entre os homens surgiu com a razão, por uma conexão necessária, a certeza terrível da morte. Na

¹² MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2ª ed. Tradução: João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Portugal: Publicações Europa-América, 1970, p. 35.



linguagem da natureza morte significa aniquilação. Acompanhado da certeza de seu fim advém um sentimento desolador à espécie humana. Diante desse fato, o filósofo argumenta que:

[...] como sempre na natureza a todo mal é dado um remédio, ou pelo menos uma compensação, então essa mesma reflexão, que nasce da idéia da morte, também nos leva às concepções metafísicas consoladoras, das quais as necessidades e possibilidades são igualmente desconhecidas ao animal¹³.

As elaborações filosóficas, científicas e religiosas serão, portanto, como que o antídoto da razão contra a certeza da morte. As condições e o grau em que este fim será atingido, certamente será diferente em épocas e em sociedades distintas.

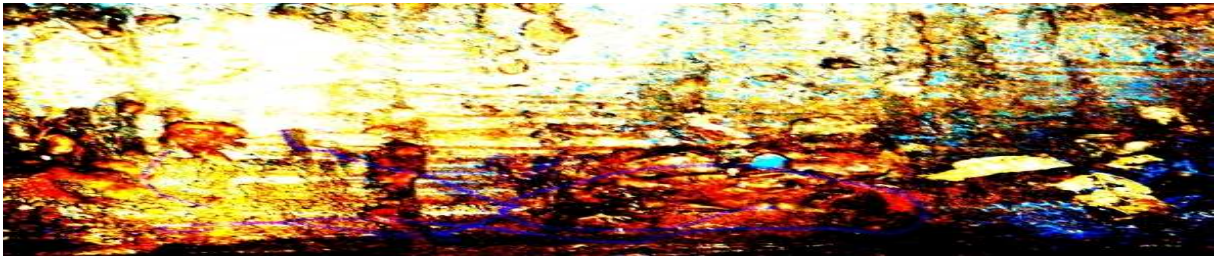
Na Europa, no início da Idade Média, havia uma familiaridade com morte, que acontecia geralmente na presença de parentes, amigos e vizinhos e num ambiente doméstico. Era comum a confecção do “álbum dos mortos” pelas famílias, onde se guardavam as fotos de vivos com os parentes mortos, sentados e maquiados como se vivos estivessem.

Do mesmo modo, em alguns outros países de cultura não ocidentalizada, a morte é comemorada com grandes festas, pois acreditam na ligação entre os vivos e os espíritos dos mortos, como é o caso da cultura mexicana e japonesa, por exemplo.

Com o progresso da ciência, da tecnologia, da medicina moderna, a morte já não representa mais somente um capricho do destino. Desenvolve-se a capacidade de prolongar a vida, com o conhecimento detalhado das doenças e a formulação de novos medicamentos. É preciso reconhecer que a modernidade trouxe muitos benefícios à vida humana e à vida social. Com a identificação do código genético, a leitura do DNA e todos os recursos da engenharia genética, foi possível conhecer profundamente a matéria viva, conhecer, por exemplo, que tipo de gene é responsável por determinadas doenças, possibilitando, posteriormente, o desenvolvimento de formas capazes de corrigir a realidade, prevenindo muitos males. Acontece que as possibilidades desse sistema moderno são bem polêmicas.

Um aspecto apenas da questão mostra que os infinitos benefícios que trouxe o desenvolvimento médico-científico estão limitados a uma parcela reduzida da população e não acessível a toda humanidade, como se pretendia. A igualdade foi cada vez e sempre mais banida, e a desigualdade toma proporções incontroláveis.

¹³ SCHOPENHAUER, Arthur. *Da Morte/ Metafísica do Amor/ Do sofrimento do Mundo*. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 2001.



Neste ponto concordamos com Berlinguer¹⁴ quando afirma que nestas condições, a população que não tiver acesso a tal tratamento médico estará socialmente morta – ou excluída – antes mesmo de estar morta fisicamente. Atualmente se discute o modelo de racionalidade científica, conjectura-se a passagem por uma crise, destacando o fato de que, apesar dos avanços, as pessoas estão menos certas a respeito do futuro do que estiveram no passado.

Percebemos então que as relações estabelecidas entre o ser humano e seu imaginário sobre doença e as formas de curar-se, a fim de afastarem de si o medo da morte, envolvem muitos aspectos. Diante da desordem que o ameaça, sua (ou a nossa) tendência natural é procurar a ordem, ou ao menos uma maneira que o possibilite interpretar, compreender ou que o ajude a aceitar as realidades caóticas.

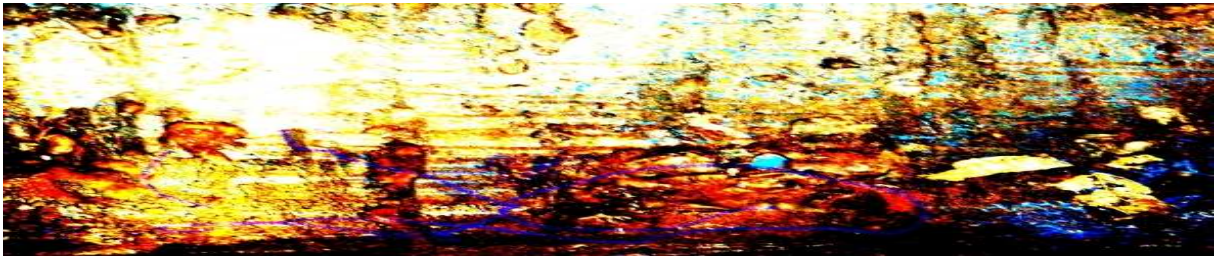
Acreditamos, então, que não exista um modelo único para esta compreensão, pois seguem atuando paralelamente o sistema médico-científico de saúde e o sistema mágico-religioso. A questão não está em qualificar ou desqualificar nenhuma das duas lógicas. As classificações não podem ser vistas como estáticas, porque os limites entre estas práticas são flexíveis e são permeáveis. Neste sentido, quando a doença e o sofrimento que ela comporta se apresentam como algo inexplicável, todas as alternativas são buscadas, antes que se morra física ou socialmente.

Não obstante este fato, isso que as pessoas buscam pode ser encontrado nas crenças religiosas, pois estas fornecem uma perspectiva que se move para além das realidades da vida cotidiana, envolvendo o poder dos recursos simbólicos para formular idéias analíticas, que estabelecem explicações convincentes, capazes de transformar tal realidade: corrigindo-a e completando-a.

A importância dos cultos religiosos no tratamento das doenças e na interpretação da morte tem sido amplamente reconhecida na literatura antropológica. Leva-se em conta que, ao invés das explicações reducionistas da medicina, os sistemas religiosos de cura oferecem uma explicação à doença que se insere no contexto sociocultural mais amplo do sofrimento. Enquanto o tratamento científico despersonaliza o indivíduo, o tratamento religioso visa agir sobre este como um todo, reinserindo-lhe como sujeito em um novo contexto de relacionamentos, numa óptica do envolvimento.

No contexto das florestas amazônicas, a morte é tradicionalmente resgatada pelas sociedades indígenas, através da ligação por eles estabelecida com os espíritos ancestrais e os

¹⁴ BERLINGUER, Giovanni. *A Doença*. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 72.



espíritos da natureza, que, segundo sua percepção, auxiliam-nos no processo de orientação à vida. Este contato somente é possível ocorrer durante as viagens que realizam em outros planos. Mas, para alcançar outras dimensões – afirmam – é necessário “morrer”. Para os grupos indígenas dormir e sonhar também significa entrar no mundo dos mortos, por isso, o estado atingido quando da ingestão da Ayahuasca é comparado a entrada neste mundo, onde acreditam aprender os ensinamentos necessários para a vida cotidiana.

A morte aparece constantemente no enredo que situa o uso ritualístico dessa substância. Na terminologia quêchua, empregada pelos Incas, Ayahuasca significa “a pequena morte” ou “a entrelaçadora da alma dos vivos e do espírito dos mortos”.¹⁵

A preocupação diante da morte surge como um dos principais fatores que levam as pessoas a buscarem na Barquinha uma orientação com direcionamentos práticos. Para os membros, a idéia inicial de morte aparece como o fim de uma ligação estabelecida com as doenças. “O homem pode adaptar-se, de alguma forma, a qualquer coisa que sua imaginação possa enfrentar, mas ele não pode confrontar-se com o caos, com algo que ele não pode explicar” – argumenta Geertz¹⁶.

A finalidade maior da Barquinha é navegar continuamente no turbulento mar da existência, buscando a luz ou a orientação necessária para esclarecer os mistérios relativos à vida. A luz propiciada pela Ayahuasca é o combustível e as viagens representadas pelos rituais são de aprendizagem, aprimoramento, purificação.

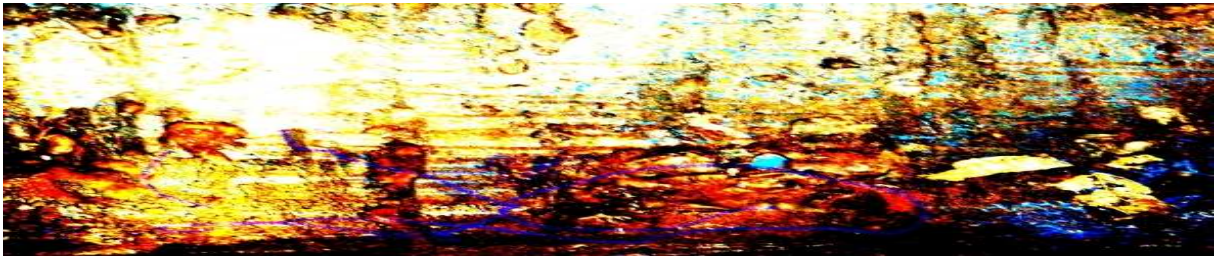
Na concepção dos membros desse Centro, existem duas fontes perceptivas do mundo: uma dimensão aparente, visível do mundo material e um mundo invisível, cuja natureza é espiritual. São dois lados de uma mesma realidade. Neste sentido, Durand oferece-nos uma explicação quando diz que:

Sempre que abordamos o símbolo e os problemas do símbolo e a sua decifração, encontramos-nos em presença de uma ambigüidade fundamental. Não só o símbolo tem um duplo sentido, um concreto, preciso, o outro alusivo e figurado, como também a classificação dos símbolos nos revela os << regimes >> antagônicos sob os quais as imagens vêm ordenar-se. Mais, não é só o símbolo que é duplo, as hermenêuticas também são duplas: umas redutoras, <<arqueológica>>, as outras instauradoras, amplificadoras e <<escatológicas>>.¹⁷

¹⁵ PASKOALI, Vanessa Paula. *Navegar é preciso, morrer não é preciso*. (Monografia graduação). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 1988, p. 88.

¹⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo, LTC, 1989, p. 114.

¹⁷ DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. 6ª ed. Portugal: Edições 70, 1993.



Assim, os integrantes da Barquinha acreditam que o ser humano está no mundo para aprender, melhorar sua condição e evoluir, ou seja, que sua existência material é unicamente um passo para o próximo estágio, o espiritual. O Daime funciona como um atalho que encurta o caminho do desenvolvimento espiritual ou como um catalisador que acelera e esclarece os estágios da evolução. Ao ser ingerido ritualisticamente, torna-se um veículo de comunicação entre a vida material e a vida espiritual e por isso, às vezes, é comparado pelas pessoas que fazem uso desta substância a um instrutor que sempre está ensinando, fornecendo “a mensagem correta na hora certa”.

Durante os rituais, os indivíduos são conduzidos a uma reorganização da sua experiência no mundo, ao mesmo tempo em que passam da situação de “expectadores” a “participantes diretos”, respondendo aos estímulos de acordo com o novo cenário e discurso.

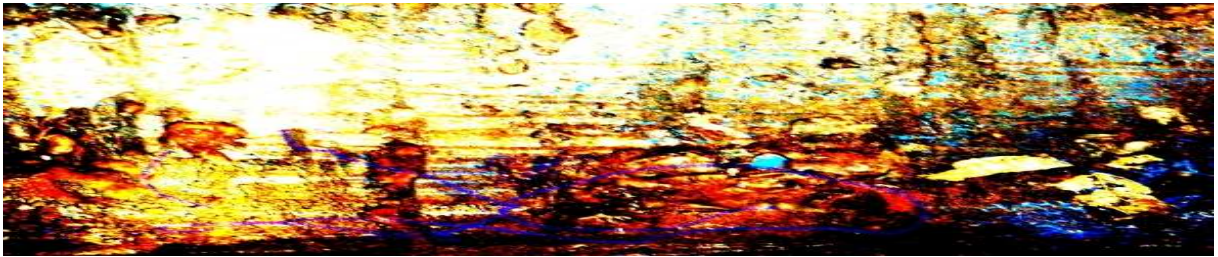
Os caminhos vão sendo revelados nestas seções rituais, quando as características indesejáveis passam a ser enfrentadas de tal modo que se tornem passíveis de tratamento e possam ser reduzidas e/ou eliminadas, resultando numa disposição otimista interior, fortalecendo o indivíduo para que atinja a felicidade.

Neste aspecto, guiamos nossa interpretação ainda segundo a perspectiva de Gilbert Durand, para quem a imaginação simbólica é dinamicamente negação vital, negação do nada da morte e do tempo. Nesta essência dialética – afirma – da imaginação simbólica é que os homens encontram o princípio restabeecedor de equilíbrio para suas vidas.

Ao término da navegação, o indivíduo já não se sente mais como um simples viajante. Encontra-se num momento de êxtase com o sagrado, completamente envolvido pelo contexto e verdadeiramente acolhido pelo grupo.

Em estudos anteriores, identificamos na Barquinha três aspectos distintos, porém não distantes acerca da concepção de morte. O primeiro refere-se à **morte física**, entendida, segundo Regina Müller¹⁸, como um momento crucial de passagem, uma passagem radical de trânsito, na qual o indivíduo definitivamente deixa o plano material. Esta idéia de morte como fim definitivo se reconstrói aos poucos, conforme os indivíduos apreendem os ensinamentos da Barquinha, fortemente influenciados pelo espiritismo kardecista e os princípios de reencarnação e carma. Em função disso, o sofrimento torna-se meio para se redimir dos erros e a morte representa a

¹⁸ MÜLLER, Regina Polo. *Muertos y seres sobrenaturales: separación y convivência*. In: *La muerte y El más Allá em lãs culturas indígenas*. Equador: Abya-Yala, 1992.



possibilidade de aperfeiçoamento da alma. A morte deixa de ser castigo para ser passagem.

Assim:

A arte de morrer é substituída pela arte de viver, os cuidados relativos à morte são transferidos para a vida, para cada dia desta vida. Não se trata, porém, de uma vida qualquer: a preparação para a morte exige que toda a vida seja impregnada de morte¹⁹.

A segunda concepção é a de **morte iniciática**, vivenciada pelos indivíduos que decidem se tornar membros oficiais da igreja, quando a conversão marca a ruptura. Significa abdicar do mundo do trabalho, de outras assistências, de outras festas, vícios e vaidades para renascer numa outra posição (identidade) junto ao grupo, para uma nova forma de vida vinculada a um novo universo.

Para os novos membros, a transformação do modo de vida ocorre a partir do ingresso formal ao grupo. É a transição do desespero e da angústia que sentia quando chegou ao Centro, ao consolo e à esperança que encontra quando passa a fazer parte, quando é iniciado.

Nos seus depoimentos, as pessoas demonstram felicidade por fazer parte de uma missão que fornece sentido para a vida, que proporciona a cura às doenças, que ajuda ao próximo e os ajuda a compreender o sofrimento e a prepararem-se para uma vida espiritual.

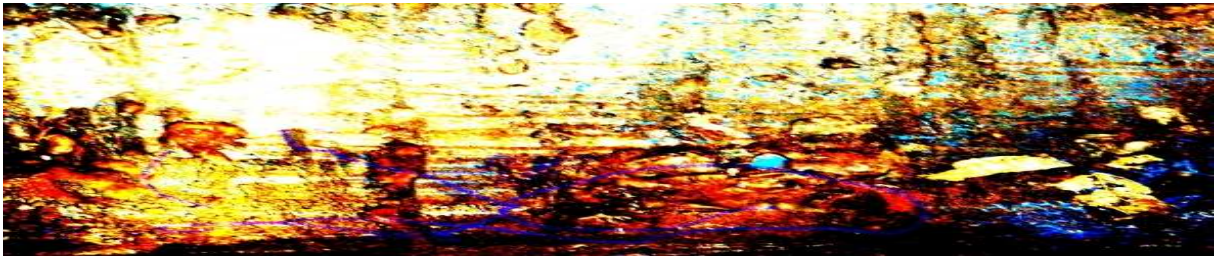
De acordo com Durand, uma das principais funções da imaginação simbólica está na reação defensiva da natureza contra a inevitabilidade da morte, através da inteligência, uma reação de antagonismo entre o instinto da morte e o instinto da vida. Reação que suscita imagens e idéias que “deitam por terra a representação deprimente”.

A função da imaginação é, acima de tudo, uma função de <<eufemização>>, mas não simplesmente ópio negativo, máscara que a consciência ergue diante da hedionda figura da morte, mas, pelo contrário, dinamismo prospectivo que através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo²⁰.

Como a ordem cósmica corre o risco de ser continuamente perturbada pela ameaça de retornar ao caos pelas faltas e erros dos homens, confirmando o grande drama escatológico que deixa transparecer a linguagem religiosa da Barquinha, seus membros procuram uma maneira própria de agir, de modo que venham garantir sua salvação. O cumprimento das regras enquanto

¹⁹ ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro, 1983.

²⁰ DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. 6ª ed. Portugal: Edições 70, 1993, p. 99.



membro representa o merecimento de seguir viajando em companhia dos marinheiros do mar sagrado.

A terceira **morte** identificada é a que ocorre durante cada **miração**. Remete a um momento singular dos rituais. O daime coloca o indivíduo numa noosfera que facilita uma revelação espiritual, ao mesmo tempo em que registramos um rompimento da noção do tempo e do espaço, além de um rompimento entre o eu exterior e o eu interior do sujeito que vive a experiência. É uma morte simbólica, um momento de transcendência e despoluição²¹, momento em que ocorrem as provações, surgindo, não raro, representações de morte – a pessoa pode visualizar a própria morte. Pode ocorrer também uma série de visões agradáveis, viagens a lugares conhecidos ou desconhecidos, jardins com muitas flores e luzes coloridas. Muitas vezes, a experiência é identificada com a vivenciada em casos de EQM²². É nesta condição que o indivíduo se encontra consigo mesmo, onde toda sua vida acontece num instante, de modo a ser vista nos mínimos detalhes. Ao voltar do êxtase, a sensação é de morrer-renascer em mesmo corpo, mas com nova consciência.

Segundo Edgar Morin,

A morte trabalha o espírito humano. A certeza da morte, ligada à incerteza da sua hora, é uma fonte de angústia para a vida. O encontro entre a consciência de si e a consciência do tempo determina a consciência do viver no tempo e de dever enfrentar a morte [...] E, enquanto diante da morte ele se abre para o infinito e para o mistério, o espírito diante da Natureza se abre para o mundo²³.

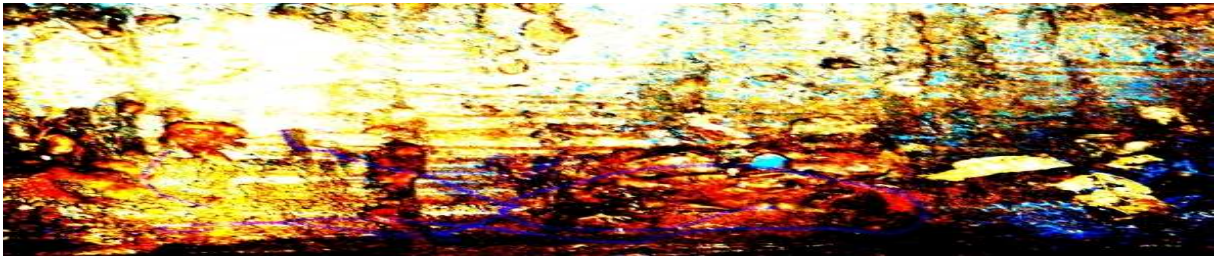
Ao freqüentar os Centros da Barquinha, os indivíduos afirmam encontrar uma resposta satisfatória àquilo que buscavam, ou seja, o sofrimento e a dor, a morte e a vida passam a ter novo significado e sua percepção diante da realidade está alterada, reformulada.

Através do imaginário elaborado por esta religiosidade a morte é eufemizada enquanto segue na viagem que conduz ao extremo de uma vida eterna, destruindo qualquer possibilidade de imagem negativa que se tinha quando da chegada ao porto.

²¹ Despoluição em que se nota inclusive a ocorrência de vômitos, suores e lágrimas.

²² Experiência de Quase Morte, ou morte clínica com posterior retorno à vida, fase em que se fica além da vida, porém antes da morte verdadeira.

²³ MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 48.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro, 1983.
- BERLINGUER, Giovani. *A Doença*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- CIPOLLETTI, M. S. e LAGDON, E. J. *La muerte e el más Allá em lãs culturas indígenas latinoamericanas*. Equador: Abya-Yala, 1992.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. 6ª ed. Portugal: Edições 70, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo, LTC, 1989.
- KRIPPNER, Stanley. *Estados alterados de consciência*. In: WHITE, John (org.). *O mais elevado estado da consciência*. São Paulo: Cutrix/ Pensamento, 1997.
- MORIN, Edgar. *O homem e a Morte*. 2ªed. Tradução: João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Portugal: Publicações Europa-América, 1970.
- _____. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MÜLLER, Regina Polo. *Muertos y seres sobrenaturales: separación y convivência*. In: *La muerte y El más Allá em lãs culturas indígenas*. Equador: Abya-Yala, 1992.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Da Morte/ Metafísica do Amor/ Do sofrimento do Mundo*. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- SCHULTES, Richard Evans & HOFMANN, Albert. *Plantas de los Dioses: orígenes del uso los alucinógenos*. México: Fondo de Cultura Econômica: 1982.
- PASKOALI, Vanessa Paula. *A cura enquanto processo identitário na Barquinha: o sagrado no cotidiano*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- _____. *Navegar é preciso, morrer não é preciso*. 1998. Monografia (graduação). Universidade Federal do Acre, Rio Branco.